



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES IDOSOS DA GRADUAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ

Carla Danielle Xavier do Vale ¹

Ana Alice Azevedo Gama ²

Andrei Junior do Nascimento Freitas ³

Isaac dos Santos Pereira ⁴

Michelle da Silva Pereira ⁵

RESUMO

A transição epidemiológica e demográfica transcorre de forma intensa no Brasil, ocasionando o aumento a expectativa de vida e modificação da estrutura da pirâmide etária populacional, cada vez mais envelhecida. O objetivo deste estudo foi delinear o perfil sociodemográfico dos estudantes idosos acima de 60 anos da graduação dos 9 (nove) campi do Instituto Federal do Pará. A metodologia foi a pesquisa quantitativa, com informações extraídas do banco de dados da plataforma SIGAA e analisados no *software R*. Os resultados mostram que 53,2% dos graduandos acima de 60 anos são do sexo masculino e 46,8% do sexo feminino, que a maioria está matriculada no campus Belém (48,4%), e a minoria no campus Paragominas (1,6%). Em relação à raça/cor, 43,5% se autodeclararam pardos, 17,7% negros e 16,1% brancos. 37,1% dos alunos ingressaram através do exame de seleção na modalidade ampla concorrência, e 72,6% concluíram o ensino médio em uma instituição pública; 14,6% possuem renda entre 0,5 e 1,0 salário mínimo e 12,9% de 0 a 0,5 salário mínimo; por fim, 2011 foi o ano com a maior taxa de entrada, com 11 alunos ingressante (17,7%), e 2019 o ano com maior número de saídas (10,5%). Concluiu-se que o número de alunos idosos no IFPA é expressivo, particularmente no campus Belém, com uma maioria autodeclarada parda e proveniente do ensino médio da rede pública. A tendência é o crescimento destes números, acompanhando o acelerado processo de envelhecimento populacional brasileiro, carecendo, portanto, do desenvolvimento de uma assistência educacional específica voltada para este público.

Palavras-chave: Educação, Idoso, Saúde, Acessibilidade, Transição Demográfica.

INTRODUÇÃO

A transição epidemiológica é um processo global, caracterizado por alterações nos padrões de mortalidade e adoecimento da população, e indissociável da transição demográfica e econômica de um país (DUARTE; BARRETO, 2012). Em um primeiro momento, esse fenômeno refletiu os avanços da tecnologia biomédica pós II guerra mundial, com o advento de antibióticos e vacinas que ocasionaram a queda brusca de mortes por infecções agudas e doenças transmissíveis. (ALBUQUERQUE; SILVA, 2015).

¹ Graduanda do Curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar do Instituto Federal - PA, cxavierdovale@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar do Instituto Federal - PA, anaaliceazevedogama@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar do Instituto Federal - PA, jrandrei636@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar do Instituto Federal - PA, isaacspereira95@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: mestre, Instituto Federal – PA michelle.pereira@ifpa.edu.br



De acordo com Albuquerque, Silva (2015, p. x), o processo de transição epidemiológica intensifica-se no Brasil a partir dos anos 90.

Mais recentemente, diversas ações – não somente originadas das esferas governamentais – foram introduzidas com o propósito de reduzir tanto a mortalidade infantil como a mortalidade nas demais idades no Brasil: campanhas de vacinação em massa, atenção ao pré-natal, aleitamento materno, agentes comunitários de saúde e o Programa Saúde da Família, com início em 1994, proposto pelo governo federal, inicialmente em alguns municípios, e tendo como um dos objetivos implementar a atenção primária a todos os membros do domicílio. [...] A resultante imediata dessas ações e fatores foi a diminuição dos níveis de mortalidade e o conseqüente aumento da expectativa de vida dos brasileiros ao longo dos anos. (ALBUQUERQUE; SILVA, 2015, p. 50)

O Envelhecimento Populacional é produto do aumento da expectativa de vida e transcorre de modo intenso no país (OLIVEIRA, 2019). Evidencia-se, portanto, a necessidade de políticas públicas voltadas para a promoção da qualidade de vida deste grupo, cada vez mais expressivo (CORTEZ *et al.*, 2019). Porém, muito se discute sobre a assistência de saúde para o idoso, carecendo a sociedade de iniciativas para a promoção da autonomia e inserção destes indivíduos na sociedade.

Ao iniciar o semestre em 2022 foi recebido pela primeira vez uma estudante idosa no curso de Tecnologia em Gestão hospitalar no Instituto Federal do Pará no Campus Belém. Ao longo do transcorrer das aulas, essa estudante instigou os alunos e a professora orientadora dentro do grupo de pesquisa Saúde, Gestão e Ambiente a iniciar a pesquisa sobre o perfil epidemiológico dos estudantes idosos da graduação no Instituto Federal do Pará.

O objetivo foi demonstrar o perfil sociodemográfico dos alunos idosos do IFPA, declarados pelos mesmos no ato de suas matrículas no sistema oficial da instituição. Dessa forma, é importante identificar o perfil dos estudantes idosos, para que o IFPA possa entender e atender as necessidades desse público que vem crescendo dentro dos campi a cada ano. Com base nessa concepção, é possível criar e traçar uma assistência específica e própria que recepcione as exigências e respeite suas peculiaridades, para assegurar um cuidado especializado (COSTA *et al.*, 2020).

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de caráter quantitativo através de dados sobre os alunos idosos do Instituto Federal do Pará (IFPA), extraídos do Sistema Integrado de Gestão de



Atividades Acadêmicas (SIGAA) do Instituto e organizados em planilha no programa Excel, seguida de elaboração de gráficos demonstrativos dos resultados.

A pesquisa partiu da determinação da questão problema: “Qual o perfil sociodemográfico dos alunos idosos do IFPA?”. Após identificação do tema, definiu-se que os critérios de inclusão seriam: possuir 60 anos ou mais, estar matriculado e ativo em um curso de ensino superior em um dos campi do IFPA; e os de exclusão sendo: possuir menos de 60 anos, estar matriculado em outra modalidade de ensino e/ou não estar mais ativo na instituição. Foram identificados um total de 62 estudantes, graduandos nos 3 (três) turnos. Os dados foram codificados e analisados, tendo os resultados dispostos em tabelas e gráficos.

O referencial bibliográfico foi extraído de materiais já publicados sobre o tema em livros, artigos científicos e revistas, disponíveis em bancos de dados on-line, usando os descritores: educação; idoso e envelhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos na comunidade e em instituições permitem os conhecimentos demográficos, epidemiológicos, fornecendo dados importantes para pesquisas sobre este processo. O envelhecimento é um processo complexo e dinâmico, que sofre influência no tempo e no espaço, e, portanto, exige que seja estudado por diversas disciplinas (PEREIRA, 2019).

Para Hayflick (1997), o envelhecimento é um processo acompanhado de perdas na função normal, que acontece após a maturação sexual continuando até a máxima longevidade para os membros de uma espécie. Segundo este autor, a manifestação de eventos biológicos associados a este processo ocorre ao longo de um período que varia entre as espécies e entre os representantes de uma mesma espécie.

Em suma, é fato que o envelhecimento é um acontecimento que atinge todos os seres humanos em esferas diversas, seja o corpo, a cognição, a memória ou outros, porém é o corpo que carrega as maiores estigmas. Nesta fase ocorrem mudanças físicas, orgânicas e sistêmicas, envelhecimento do cérebro, diminuição dos batimentos cardíacos, aumento do colesterol, baixa resistência vascular, entre outros (HAYFLICK L., 1997).

Nessa perspectiva, indaga-se sobre o acesso dessa parcela da população a um envelhecer digno e com qualidade nos vários âmbitos da vida, considerando a educação como uma estratégia de potencialização de suas capacidades. Em se tratando dos contextos educativos, constata-se que se constituem em espaços de formação e de construção de saberes, como



exemplo, na (re) visão das concepções sobre o processo de envelhecimento, rompendo com os preconceitos existentes na sociedade, como o fato de o idoso apresentar limitações de aprendizagem.

Conforme salienta Tavares (2008, p.87):

A entrada na universidade pode contribuir para o acesso às escolhas mais significativas, aos meios de comunicação, a metodologias integradas e complexas, com o indivíduo passando a reconstruir o processo pelo qual modifica a sua representação da realidade social. Sente-se mais gente. O mundo moderno pode oferecer oportunidades para o exercício da cidadania na velhice, desenvolvendo a auto-estima, a autoconfiança, resgatando a dignidade aos seus participantes ativos. Não se refere aqui a adaptar as habilidades humanas ao ritmo acelerado da mudança mundial, mas a tornar esse mundo em rápida mudança mais hospitaleiro para o idoso. (TAVARES, D. E., 2008, p. 87)

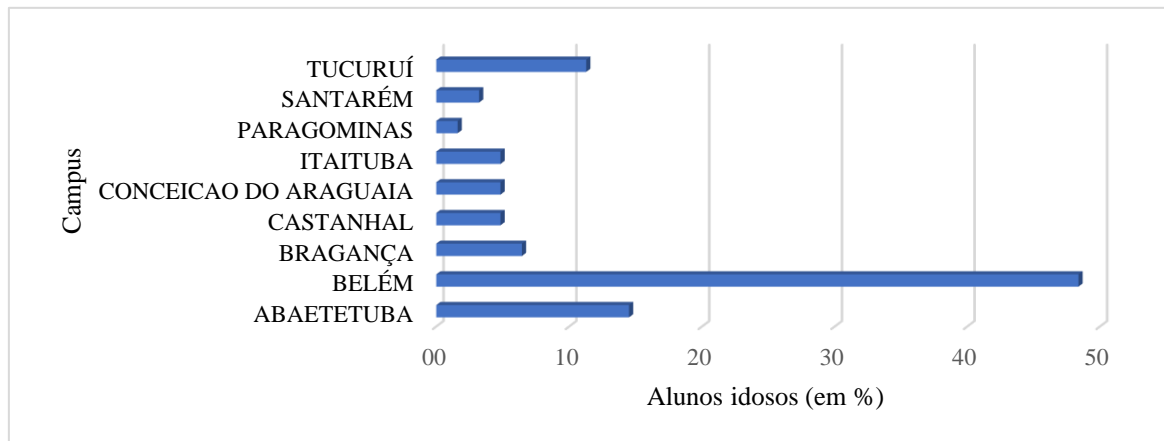
Acreditando na importância da discussão dessa questão social para o norteamento das políticas públicas e das intervenções sociais, este estudo objetivou, a partir da análise de dados secundários e de produções acadêmicas, conhecer a atual realidade brasileira em termos da presença das pessoas idosas no ensino superior e revisar como operam os modelos de ensino-aprendizagem das práticas educativas para adultos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de dados, os alunos podem ser distribuídos de acordo com: campus, sexo, raça/cor, forma de ingresso, renda, instituição de conclusão do ensino médio, instituição de conclusão do ensino superior e ano de ingresso e saída.

Quanto ao campus, observou-se a concentração dos alunos idosos no Campus Belém, com 30 alunos, equivalente a 48,4% do total; em seguida estão o Campus Abaetetuba, com 14,5% (9 alunos), Tucuruí com 11,3% (7 alunos), Bragança com 6,5% (4 alunos), com os outros campi possuindo números que representam 5% ou menos do total, menos de 4 alunos, conforme demonstrado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por campus.



Fonte: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA.

As tabelas 1 e 2 ilustram a divisão destes estudantes quanto ao sexo, renda e raça/cor. Apesar da diferença entre os gêneros ser pequena (53,2% do sexo masculino e 46,8% do sexo feminino) este percentual está de acordo estudos que apontam um maior acesso da população masculina aos estudos. Sousa & Silver (2008) argumentam que, na idade de escolarização destes, a educação era prioridade para os meninos, enquanto o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002) acrescenta que tal quadro é resultado das características da sociedade e das políticas de educação das décadas de 30 e 40.

Meireles *et al.* (2007, apud ALMEIDA *et al.*, 2015) corrobora com estes argumentos ao relacionar o baixo nível de escolaridade em idosas à cultura das décadas anteriores, bem como às barreiras de acesso ao ensino.

[...] O baixo nível educacional das idosas brasileiras pode ser explicado pelos valores culturais e sociais da primeira metade do século passado, no qual as mulheres assumiam o papel domiciliar, portanto não precisariam estudar. Existia a dificuldade de acesso ao sistema educacional e os idosos, em sua maioria, viviam na zona rural quando tinham idade de escolarização. (MEIRELES *et al.*, 2007, apud ALMEIDA *et al.*, 2015, p. 119)

É importante destacar como os baixos índices de acesso ao ensino fundamental, médio e superior pelas idosas no Brasil contrastam com a tendência global de feminização da população idosa; dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2009 apontam que 55,7% (11,3 milhões) das pessoas acima de 60 anos são do sexo feminino, o que Melo *et al.* (2016) relaciona ao fato de a expectativa de vida das mulheres ser maior, e também a alta sobrevivência dos homens em todas as faixas etárias.

Quanto à raça/ cor, notou-se que a maioria dos alunos se autodeclara parda (43,5%, ou 27 alunos), 17,7% pretos e 16,1% brancos, com 19,4% não dispondo da informação e 3,2% não

declarantes. Pesquisas indicam que a raça/cor influencia na média salarial dos idosos, com aqueles identificados como “brancos” ganhando mais que os autodeclarados pretos, pardos e indígenas (MELO *et al.*, 2015).

Os dados coletados sobre a renda dos alunos reforçam a informação acima, com com 12,9% possuindo renda de de 0 a 0,5 salário mínimo e 14,5% destes recebendo de 0,51 a 1,0 salário mínimo. Em contrapartida, apenas 4,2% possuem renda acima de 2,5 salário mínimo; reitera-se, ainda, que 50% não informaram sua renda.

Tabela 1 – Sexo e raça/cor dos alunos idosos

	%
Sexo	
Feminino	46,8
Masculino	53,2
Raça/Cor	
Parda	43,5
Preta	17,7
Branca	16,1
Não dispõe/Não declarante	22,6

Fonte: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA.

Tabela 2 – Renda per capita dos alunos

Renda per capita em salários mínimos	%
0 - 0,5	12,9
0,51 - 1,0	14,5
1,1 - 1,5	12,9
1,51 - 2,0	1,6
2,1 - 2,5	1,6
>2,5	6,4
Não informaram	50

Fonte: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA.

Melo *et al* (2015), através de dados da PNAD de 2009, nos dá uma dimensão da situação econômica dos idosos brasileiros ao indicar que 5,11 milhões deste contingencial estão inseridas no mercado de trabalho oficial, das quais 3,29 milhões eram homens, acrescentando ainda que a média salarial dos idosos homens é significativamente superior a das idosas. Sobre o modo como o grau de escolaridade impacta a renda, calcula-se que a cada ano adicionado acrescentava-se em média R\$399,99 na renda destes (MELO *et al*, 2016).

A renda e raça/cor informadas estão diretamente associadas à forma de ingresso destes alunos, com 37,1% ingressantes no ensino superior através do Exame de Seleção (ES), divididos nas seguintes modalidades:

- 1,6% proveniente com renda abaixo ou igual à 1,5 salário mínimo e 4,3% com renda acima de 1,5 salário mínimo, provenientes de escola pública (cotas L2 e L4, respectivamente);
- 1,6% com renda abaixo ou igual à 1,5 salário mínimo e autodeclarados, e 4,3% com renda acima de 1,5 salário mínimo, provenientes de escola pública e autodeclarados pretos, pardos ou indígenas (cotas L1 e L3, respectivamente);
- 1,6% com renda abaixo ou igual a 1,5 salário mínimo e 3,6% com renda acima de 1,5 salário mínimo, provenientes de escola pública e PcD (cotas L6 e L7, respectivamente);
- E, por fim, 9,7% na modalidade ampla concorrência, e 8% através da seleção de currículo.

Salienta-se, também, que 12 alunos (19,4%) utilizaram o SISU na modalidade Ampla Concorrência como forma de ingresso, fato que evidencia a extensão do ensino superior aos grupos historicamente desfavorecidos, através de políticas públicas elaboradas com esta finalidade. Estes dados estão ilustrados na tabela 3.

Tabela 3 – Forma de Ingresso dos Alunos Idosos

MODALIDADE	%
ES - Ampla Concorrência	9,7
ES - Cota L1	1,6
ES - Cota L2	1,6
ES - Cota L3	4,8
ES - Cota L4	4,8
ES - Cota L6	1,6
ES - Cota L7	3,2
ES - Análise de Currículo	8



Acrescentado aos dados acima, ainda, a análise demonstrou que 72,6% dos estudantes (45 alunos) concluíram o ensino médio em instituições públicas, em contraste com 14,5% (9 alunos) que concluíram na rede privada.

Quanto ao ano de ingresso, os dados indicam que 2011 foi o ano com maior taxa de entrada, com 11 ingressantes (17,7%), seguido por 2010, quando 8 alunos ingressaram (12,9%); entretanto, 2004 e 2009 foram os anos com o menor percentual de ingresso, 1,6% cada. Quanto à saída, as porcentagens mantiveram-se na taxa de 5,3% (1 aluno), com uma diferença apenas em 2019, onde a taxa de saída alcançou 10,5% (2 alunos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados contidos neste artigo indicam não somente o número crescente de alunos acima de 60 anos no ensino superior do Instituto Federal do Pará, como também a sua situação sociodemográfica na sociedade, com uma maioria expressiva de alunos pardos e de baixa renda, que ingressaram no ensino superior através de ações afirmativas (cotas). Considera-se também que estes dados refletem o perfil dos idosos brasileiros, um contingente que vem crescendo consistentemente e que necessita de atenção nos diversos âmbitos sociais. A partir da coleta e análise dos dados socioeconômicos e demográficos dos alunos idosos do IFPA e do delineamento do perfil destes, é possível planejar ações e criar estratégias que os beneficiem e diminuam, cada vez mais, as barreiras impostas pela própria sociedade no processo de inserção dos indivíduos idosos no ensino superior.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao Instituto Federal do Pará – Campus Belém, pelo financiamento e apoio ao grupo de pesquisa Gestão, Saúde e Ambiente.

Agradecemos também os professores dos cursos das áreas de gestão, saúde e ambiente do IFPA – Campus Belém, que nos auxiliaram e apoiaram durante a elaboração deste artigo.

Finalmente agradecemos às nossas famílias e amigos, que foram fonte inesgotável de suporte durante a elaboração deste, e por sempre acreditarem no nosso potencial.





REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. R. P. C. & SILVA, L. G. C. Tendências dos Níveis e Padrões de Mortalidade e Seus Diferenciais Regionais no Período de 2000-2030: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. **Mudança Demográfica no Brasil No Início do Sec. XXI - Subsídios Para As Projeções da População**. 2015, Rio de Janeiro - RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>

ALMEIDA, A. V. *et al.* A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, 2015, p. 115-131, Porto Alegre - SC. Acesso em 4 de maio de 2022. Disponível em: <<https://revis-taseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830/13313>>

CORTEZ, A. C. L. *et al.* Aspectos gerais sobre a transição demográfica e epidemiológica da população brasileira. **Enfermagem Brasil**, 2019, p. 700-709, Pernambuco - PR. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Cortez/publication/337330308_Aspectos_gerais_sobre_a_transicao_demografica_e_epidemiologica_da_populacao_brasileira/links/5ede707692851cf138698aa6/Aspectos-gerais-sobre-a-transicao-demografica-e-epidemiologica-da-populacao-brasileira.pdf>

DUARTE, E. C. & BARRETO, S. M. Transição demográfica e epidemiológica: a Epidemiologia e Serviços de Saúde revisita e atualiza o tema. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 2012, p. 529-532, Brasília – DF. Acesso em 06 de maio de 2022. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v21n4/v21n4a01.pdf>>

HAYFLICK, L. Mortality and immortality at the cellular level: a review. **Biochemistry**, 1997, p. 1180-1190, Moscou. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/13762725_Mortality_and_Immortality_at_the_cellular_level>

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Perfil dos Idosos Responsáveis Pelos Domicílios no Brasil. **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica número 9**, 2002, Rio de Janeiro – RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv929.pdf>>

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde. **Ciclos da Vida**, 2021, p. 62-79, Rio de Janeiro – RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101846.pdf>>

MELO, N. C. V. *et al.* Arranjo domiciliar de idosos no Brasil: análises a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2009). **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2016, p. 139-151, Rio de Janeiro – RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/JZsSHdSNVmfmxhSfqbdxbPC/?lang=pt&format=pdf>>

OLIVEIRA, A. S. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 2019, p.69-79, Vitória – ES. Acesso em 03 de maio de 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/48614/27320>>

PEREIRA, M. S. *et al.* Estimulando a memória dos idosos através



dos sentidos. **Políticas de Envelhecimento Populacional 3**, 2019, p.256-267, Paraná. Acesso em 03 de maio de 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA4_ID394_19052019151514.pdf>

SOUSA, A. I. & SILVER, L. D. Perfil sociodemográfico e estado de saúde autorreferido entre idosas de uma localidade de baixa renda. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 2008, p.706-716, Rio de Janeiro – RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/pTQTpGrVFKwRJPkGLkZnXSs/?format=pdf&lang=pt>>

SOUSA, N. F. S., *et al.* Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, 2008, Rio de Janeiro - RJ. Acesso em 04 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/CgHpmyrd4pDy3yq5dMLmLbs/?format=pdf&lang=pt>>

TAVARES, D. E. A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea: uma leitura interdisciplinar. **Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, 2008, São Paulo – SP. Acesso em 03 de maio de 2022. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10050/1/Dirce%20Encarnacion%20Tavares.pdf>>